

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V.15-23, JANEIRO/DEZEMBRO 1994

Associação dos Arquivistas Brasileiros
AAB
Diretoria 1993-1995

Presidente

Lia Temporal Malcher

Vice-presidente

Eliana Resende Furtado de Mendonça

1ª Secretária

Laura Regina Xavier

2ª Secretária

Rosely Curi Rondinelli

1º Tesoureiro

Sérgio Duayer Hosken

2º Tesoureiro

Ercília Lúcia Medeiros Kropf

CONSELHO DELIBERATIVO

Efetivos

Helena Corrêa Machado (Presidente)

Adelina Maria Alves Novaes e Cruz

Daniela Francescutti Martins

Jerusa Gonçalves de Araújo

Maria Amélia Gomes Leite

Maria de Lourdes Costa e Souza

Marilena Leite Paes

Regina Alves Vieira

Suplentes

Celia Maria Leite Costa

Eliana Balbina F. Sales

Luis Cleber Gac

Maria Hilda Pinto de Araújo

Mariza Bottino

Vitor Manuel Marques da Fonseca

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Elizabeth Cristina de Carvalho

Ila de Souza S. Martins

Marilúcia Ribeiro Pinheiro

Suplentes

José Lázaro de Souza Rosa

Maria Luiza Ferreira Lodi

CONSELHO EDITORIAL

Adelina Maria Alves Novaes e Cruz

Ana Maria Camargo

Arno Wehling

Clarice Muhlethaler de Souza

Helena Corrêa Machado

José Lázaro de Souza Rosa

Luiz Fernando Cysneiros

Marcus Venício Toledo Ribeiro

Maria Amélia Gomes Leite

Maria Odila Kahl Fonseca

Marilena Leite Paes

Rosely Curi Rondinelli

EDIÇÃO E IMPRESSÃO

GRAFISOFT Projetos Gráficos e Editoriais Ltda.

Arquivo & Administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros.

- Ano 1, n. 0 (1972) - . -

Rio de Janeiro : AAB, 1972 -

v. : 23cm

Anual

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros

1. Arquivos - Periódicos. 2. Administração - Periódicos.

I. Associação dos Arquivistas Brasileiros

CDD 025.171

Este periódico está registrado na SCDP-SR/GB do DPF, sob o nº 397/D. 20.493/46

Arq.&Adm.

Rio de Janeiro

v.15-23

p.1-67

1994

Editorial

Com este número (v. 15-23, 1994) dá-se a retomada da revista *Arquivo & Administração*, órgão oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) que, por motivos de ordem financeira, teve sua publicação suspensa desde 1986, com grande prejuízo para a demanda de informação especializada por parte da comunidade arquivística.

Graças ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa de Apoio a Publicações Científicas, a AAB lança o presente número, atendendo às expectativas dos profissionais da área de informação.

No desenvolvimento de suas metas de ação, a Associação dos Arquivistas Brasileiros encontra-se voltada para o fortalecimento de seu programa de publicações, com o intuito de solidificar os canais de comunicação, não somente com seus associados mas também com instituições e entidades públicas e privadas, em nível nacional e internacional. *O Boletim*, publicação trimestral, tem conseguido manter sua periodicidade desde o segundo trimestre de 1993, contribuindo para a disseminação de informação entre os profissionais de arquivo e de outras áreas afins.

Além de artigos apresentados por colegas brasileiros, o Conselho Editorial achou por bem incluir neste número traduções de artigos elaborados por colegas de outros países e apresentados no XII Congresso Internacional de Arquivos, realizado em Montreal, Canadá, em setembro de 1992, já que a bibliografia existente em língua portuguesa na área arquivística é ainda muito escassa.

Trabalhos e estudos realizados por profissionais das áreas da Arquivologia e ciências afins serão bem-vindos e submetidos ao Conselho Editorial, para análise e posterior publicação, obedecendo os parâmetros da linha editorial estabelecida pela AAB.

E assim, passo a passo, realizando cursos, seminários e congressos, editando o *Boletim* e a revista *Arquivo & Administração*, bem como outras publicações, coordenando as atividades do Fórum dos Arquivistas Lusófonos, no período de 1992-96, acompanhando os estudos e atividades do Comitê de Paleografia e Diplomática e do Comitê de Micrografia e Tecnologias Emergentes, a AAB vem cumprindo seus objetivos, voltados para um futuro alicerçado na superação dos desafios do presente.

Lia Temporal Malcher

Presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros

Presidente do Fórum dos Arquivistas Lusófonos

ARQUIVO, DOCUMENTO E INFORMAÇÃO: VELHOS E NOVOS SUPORTES

Ana Maria de Almeida Camargo
Professora do Departamento de História
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo

Resumo

O uso de distintos suportes da informação tem provocado discussões que envolvem os fundamentos teóricos da arquivística. Neste artigo procuramos caracterizar algumas das opiniões que se polarizaram em torno da unidade de referência básica no trato com os documentos de arquivo.

Abstract

The so called "new archives" have been subject of great discussion, involving theory and practice. In this article our focus of attention are the polarized opinions about referencial unities to be considered in archival work: information, document or series.

A pretexto de avaliar o impacto que as novas formas de registro e transmissão da informação têm produzido no mundo dos arquivos, qualquer que seja o sistema de signos utilizado – a palavra escrita, a imagem e o som, individualmente ou associados, gostaríamos de discutir alguns conceitos de base.

Nosso ponto de partida é o documento: a unidade constituída pela informação e seu suporte. E para definir informação incorremos em inevitável circularidade, já que por ela entendemos todo e qualquer elemento referencial contido num documento. Se a informação, nesse sentido, é parte integrante do documento, este, por sua vez, é parte de um coletivo muito especial a que denominamos arquivo. Em sua acepção clássica, arquivo é o conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por processo de acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, e conservados em decorrência de seu valor.

Que valor, poderíamos perguntar? Antes de qualquer outro, o valor informativo, o valor referencial. Fecham-se assim os elos que unem informação, documento e arquivo numa cadeia, como variáveis de um sistema. Mas é aqui que começam os problemas que nos levaram a escolher, como ponto de reflexão nesta oportunidade, o objeto da arquivística enquanto disciplina.

Não é preciso realizar, para tanto, grandes mergulhos no passado. Basta lembrar que a origem do arquivamento é a conservação de atos autênticos, a título de prova. Essa noção de prova, como afirmou Bruno Delmas,¹ não cessou de evoluir e de se alargar com o tempo. E os alargamentos sucessivos do ato de arquivar, para além dos documentos revestidos de autenticidade, foram realizados por uma espécie de extensão do domínio da prova àquele da memória, das fontes de referência e da informação, reforçando assim a cadeia inicialmente caracterizada. A prova por excelência era o documento textual, aquele "com sintaxe, continuidade narrativa e coerência discursiva",² dotado de assinatura e outros sinais de validação,³ registrado em papel ou suporte similar, cujo conteúdo podia ser trabalhado individualmente, como ação erudita, num tempo em que os arquivos representavam um volume de documentos infinitamente menor que os de hoje. As associações da prática arquivística de então, sobretudo com a diplomática e com os exercícios de crítica externa e interna preconizados pelos historiadores, fizeram recair sobre cada documento, em particular, e sobre cada informação nele contida o esforço de racionalidade que marcou profundamente o horizonte intelectual do século XIX.

À margem da postura atomizada que caracterizou boa parcela dos profissionais da área, principalmente aqueles preocupados em subsidiar a pesquisa histórica tal como concebida nos moldes do positivismo, desenvolveram-se os fundamentos de uma teoria arquivística que, partindo da formulação do princípio da proveniência, propôs-se objetos de dimensões mais amplas: fundos, grupos, séries. No processo de demarcação de seu domínio, os arquivistas tiveram que dialogar com bibliotecários,

*Trabalho apresentado por ocasião da Infoimagem'92. São Paulo (SP), agosto de 1992.

¹ Delmas, Bruno. Les nouvelles archives: problèmes de définitions. In: *Les nouvelles archives: formations et collect: actes du XXVIII^e Congrès National des Archives Français (Paris, 29 septembre - 1^{er} octobre)* Paris, Archives Nationales, 1978. p. 178-183.

² Jacob, Christian. La mémoire graphique en Grèce ancienne. *Traverses*, Paris, 36: 61-6, jan. 1986.

³ Sobre a assinatura e sua função (entre outras) de transformar um documento em ato jurídico, ver: Fraenkel, Béatrice. *La signature: genèse d'un signe*. Paris, Gallimard, 1992. (Bibliothèque des Histories).

documentalistas e, mais recentemente, profissionais da informática – neologismo criado em 1962 para designar o conjunto das atividades cobertas na época pela mecanografia e pelo cálculo eletrônico e hoje consideravelmente ampliado, integrando e absorvendo todas as outras técnicas de registro, tratamento, armazenamento e comunicação da informação.⁴

Entre outros temas, o diálogo tem focalizado de modo insistente os chamados “novos arquivos”. A expressão – considerada imprópria por alguns, já que inclui o produto de técnicas com mais de um século de existência, como a fotografia – designa os documentos que têm como característica comum o uso de suportes diferentes do papel. A extrema variedade de tais suportes (disco, disco magnético, disco ótico, filme, fita magnética, videodisco) afetaria apenas, à primeira vista, o conjunto de medidas e procedimentos destinados a assegurar a proteção física dos arquivos contra agentes de deterioração. Todos sabemos dos cuidados especiais que exigem e ainda nos surpreendemos com a paradoxal fragilidade dos meios criados para encurtar a distância e abreviar o tempo na transmissão das informações. A comunicação abundante, variada, rápida, de fácil acesso e barata acaba por ser também o domínio do efêmero, porque alguns suportes se autodestroem, outros podem ser reutilizados e quase todos dependem da intermediação de instrumentos que rapidamente se tornam obsoletos, dentro do fenômeno que torna as informações e seu suportes cada vez mais dissociáveis.⁵ Se há consenso entre os arquivistas, bibliotecários, documentalistas e profissionais da informática quanto aos problemas derivados da preservação dos suportes especiais, o mesmo não se pode dizer quanto à maneira de definir e tratar o universo documental de cada uma das áreas. O debate, nesse caso, assume um tom bastante polêmico, e vale a pena retratá-lo em suas linhas gerais.

Recordemos, para tanto, as palavras de Vital Chomel, em 1975: “Já é tempo de admitir que, paralelamente à arquivística do metro cúbico ou linear, que tem seus problemas específicos e suas incômodas estratégias, deve se instaurar – como mediação insubstituível entre historiadores e arquivistas – uma arquivística do sentido, que seja ao mesmo tempo decifradora dos dados

⁴ Kozine, Yvan. Technologies actuelles de mémorisation informatique à long terme. In: *Les nouvelles archives*, op. cit., p. 125-9.

⁵ René-Bazin, Paule. La création et la collecte des nouvelles archives. *Archivum*, Paris, 35: 39-68, 1989.

documentários e questionadora das fontes adormecidas”.⁶ Curiosas as expressões utilizadas: uma “arquivística do sentido” em oposição a uma “arquivística do metro cúbico ou linear”; nelas se resumem, na verdade, as diferentes perspectivas de abordagem dos documentos de arquivo, permeadas nas últimas décadas pela discussão do uso de suportes distintos dos tradicionais.

De um lado, temos o preceito da interferência e da fragmentação da unidade documental, a ser recuperada individualmente e, mais do que isso, em função de seus elementos de conteúdo. A prática arquivística aproxima-se da prática documentária e aponta para a situação-limite em que os documentos se destacam de sua origem, as informações de seu contexto e os dados das informações. O arquivo tende a parecer-se com uma oficina de tratamento em que a informação de saída é distinta da de entrada, em que a informação fixa (que permanece constante para possibilitar a identificação dos documentos) convive com a informação variável (que assume diferentes valores ao longo de seu processamento). Estamos no reino da informática. A mutação do suporte, o modo cambiante de leitura dos dados e a independência do dado isolado em relação ao contexto em que está inserido trazem para o arquivista novos problemas.

Na visão de Paola Carucci,⁷ o dado desvinculado de uma seqüência historicamente determinada só é significativo no momento em que entra em relação com outros dados; o sistema informativo então se apresenta como um sistema de relações móveis, cuja eficácia depende da rapidez da destruição e atualização dos dados e da simultaneidade das operações de agregação e desagregação dos mesmos. Trata-se de uma realidade capaz de alterar, como alertou o canadense Jay Atherton,⁸ o próprio conceito de ciclo vital. Segundo este autor, a natureza e a volatilidade dos dados manipulados pelo computador não permitirão mais identificar estágios: a criação da informação deixa de ser o acontecimento pontual que se consubstancia nas tintas sobre o papel e passa a existir como processo contínuo, sujeito a inúmeras alterações ao longo de seu uso administrativo. É nessa medida que se sugere que o conceito de forma, ou a configuração que assume um documento de acordo com seus diferentes

⁶ Chomel, Vital. Une autre archivistique pour une nouvelle histoire? *La Gazette des Archives*, Paris, 91: 238-48, 4^o trim. 1975.

⁷ Carucci, Paola. *Le fonte archivistiche: ordinamento e conservazione*. 3^a ristampa. Roma, La nuova Italia Scientifica, 1989. p. 37.

⁸ Atherton, Jay. From life cycle to continuum: some thoughts on the records management – archives relationship. *Archivaria*, Ottawa (Ont.), 21: 43-51, Winter 1985-86.

estágios de transmissão, deva ser revisto. O mesmo acontece com o princípio da proveniência, diante das complexas redes de informação e das bases de dados interorganizacionais.⁹

Esta é a “arquivística do sentido”: aquela que procura atender às peculiaridades da documentação cujo conteúdo, registrado em suportes especiais, é acessível apenas por máquina; aquela que aproxima os arquivistas dos bibliotecários e documentalistas; aquela que, mesmo no gênero textual, coincide com a expectativa de muitos pesquisadores, desejosos de ver os arquivos ordenados com base em seus temas de interesse.¹⁰

Mas passemos ao outro lado, ao lado da “arquivística do metro cúbico ou linear”, para usar o pejorativo de Chomel. Pressupondo que o significado pleno de cada documento só se evidencia através do vínculo mantido com os outros documentos do mesmo arquivo e que o fundamental é entender o arquivo como conjunto indissolúvel de documentos necessariamente unidos entre si, os defensores mais veementes desta posição¹¹ chegam a negar, inclusive, que a arquivística seja considerada uma ciência da informação. Estamos diante do documento desprovido de autonomia, marcado pelo “caráter seriado” de que nos fala Antonia Heredia Herrera.¹² O arquivo não é resultado de um ato voluntário ou caprichoso de alguém, mas a acumulação natural de uma atividade prática. É por isso que lhe cai tão bem a imagem do terreno sedimentado, do depósito com camadas, estratos e estruturas que só um olhar panorâmico pode distinguir.¹³

Curioso como tal postura diante do arquivo corresponde, no âmbito da historiografia (embora a preceda no tempo), à chamada abordagem

⁹ Katherine Gavrel chega a propor o emprego do termo “multiproveniência” para designar esta nova realidade. Gavrel, Katherine. *Conceptual problems posed by electronic records: a RAMP study*. Paris, Unesco, 1990.

¹⁰ Pelo menos é o que denunciou Virginia C. Purdy em sugestivo artigo sobre a relação equivocada que os historiadores mantêm com os arquivistas. Purdy, Virginia C. *Archivaphobia: its causes and cure. Prologue*, Washington (DC), 15 (2): 115-9, Summer 1983.

¹¹ É o caso de Elio Lodolini, na atualidade. Lodolini, Elio. *El problema fundamental de la Archivística: la naturaleza y la ordenación del archivo. Iragi*, Vitoria-Gasteiz, 1 (1): 27-61, 1988.

¹² Heredia Herrera, Antonia. *Archivística general: teoría y práctica*. 5. ed. act. y aum. Sevilla, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Sevilla, 1991: p. 125.

¹³ André, Jacques. *De la preuve à l'histoire: les archives en France. Traverses*, Paris, 36: 25-33, jan. 1986.

antropológica do passado, a esta aspiração de surpreender os homens em seu ambiente ecológico, tecnológico, afetivo, simbólico etc. O problema das fontes se coloca aqui também em termos novos: não é tanto a relação que os documentos mantêm com o real que importa, mas o valor relativo dos documentos uns em relação aos outros, em meio a séries que permitam a análise comparativa dos dados¹⁴. É o abandono do conteúdo imediato, do objeto único, do anedótico, da informação como entidade particular. A singularidade se transforma em coisa insólita para dar lugar ao múltiplo e repetitivo, fatores responsáveis pela miopia voluntária que acometeu as ciências humanas nos últimos anos.

O fundamento teórico dessa atitude, na área arquivística, é o princípio da proveniência, garantia dos procedimentos que a podem colocar fora do terreno movediço da informação. Retomando a palavra radical de Lodolini¹⁵, “não é a informação contida no documento que interessa”; o trabalho do arquivista não é permitir aos especialistas de outras disciplinas encontrarem documentos úteis para sua pesquisa, como já tinha sido sugerido no famoso manual dos arquivistas holandeses, no final do século passado¹⁶. Toda recuperação baseada em assuntos é condenada, como condenada até mesmo a enumeração de documentos típica do catálogo, que na opinião de Lodolini equivaleria à destruição do arquivo como tal e à sua redução a mera soma de documentos. É como se os arquivos, respeitando o ponto de vista dos organismos de origem e seus procedimentos, não se ligando propriamente a nenhuma cadeia de uso, permanecendo equidistantes e neutros em relação a todas as utilizações possíveis, guardassem por função a de permiti-las todas. Na feliz expressão de Claudio Pavone, em texto que aborda problemas de método¹⁷, qualquer instrumento elaborado a partir de um critério temático é, necessariamente, seletivo e restritivo; somente a perspectiva estrutural ou funcional conservaria a polissemia intrínseca ao arquivo, garantindo seu uso

¹⁴ Bourdè, Guy & Martin, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris, Seuil, 1983. p. 218-9.

¹⁵ Lodolini, Elio. *Op. cit.*

¹⁶ “No arranjo do arquivo, os interesses da pesquisa histórica somente em segundo lugar devem ser atendidos”. Associação dos Arquivistas Holandeses. *Manual de arranjo e descrição de documentos*. Trad. Manoel Adolpho Wanderley. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1960.

¹⁷ Pavone, Claudio. *Problemi di metodo nell'inventariazione, catalogazione, preparazione di strumenti di corredo degli archivi per la storia contemporanea*. In: *Gli archivi per la storia contemporanea: Seminario di Studi, Mondovi, 1984*. Roma, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, 1986. p. 149-54. (Publicazioni degli Archivi di Stato, Saggi, 7.)

por um número incomensuravelmente maior de consulentes.

Dentro dos parâmetros colocados pelos que defendem tais posições, a configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo não determina a maneira como deve ser tratado; é possível, por exemplo, estabelecer analogias entre a documentação informática e a documentação textual, atribuindo a ambas a condição de conjuntos orgânicos. A antevisão de uma administração sem papéis, contestada aliás pelo arquivista norte-americano Charles M. Dollar,¹⁸ não tem necessariamente o significado de uma administração sem arquivos.

Interessantes os caminhos encontrados por uma disciplina baseada em princípios (e não em regras) para atestar o seu rigor. Entre o sentido e o metro cúbico, entre a informação e as séries documentais consideradas como conjuntos, entre o único e o repetitivo, é inegável que está em jogo o próprio estatuto científico da arquivística.

O ARQUIVO NACIONAL E OS 500 ANOS DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES:

Claudia Beatriz Heyneman
Historiadora do Setor de Pesquisa do
Arquivo Nacional, Mestre em História
Social da Cultura - PUC/RJ
Oswaldo Munteal Filho
Historiador do Setor de Pesquisa do
Arquivo Nacional, Doutorando em
História Social - UFRJ

Resumo

O artigo propõe-se discutir a inclusão do Arquivo Nacional nos eventos comemorativos dos 500 anos dos descobrimentos portugueses que estão sendo realizados em diversos países de língua portuguesa. Relata-se a experiência acumulada pelo setor de Pesquisa do Arquivo Nacional em levantamento de fontes, exposições e publicações relacionadas ao assunto. Apresenta-se um projeto de levantamento de fontes para a história dos descobrimentos e, finalmente expõe-se e analisa-se a primeira iniciativa do Arquivo Nacional relacionada ao tema, ou seja, a exposição intitulada *Tordesilhas e os limites do Novo Mundo*, realizada em junho de 1994.

Abstract

This article proposes to discuss the inclusion of Arquivo Nacional (The National Archive) in the events celebrating the five-hundred-year anniversary of the Portuguese discoveries, which event has already been instituted in the other Portuguese language countries. To this end, the experience accrued by the Research Sector in the survey of sources, exhibitions and publications related to the subject has been retrieved. Following this, a project for a schedule of sources for the history of the discoveries has been presented, and finally, a description and analysis of the National Archive's first initiative recording that event, namely the exhibition entitled *Tordesilhas and the New World limits*, held in June 1994.

I- O acervo do Arquivo Nacional e a descoberta do Novo Mundo

As comemorações dos 500 anos dos descobrimentos portugueses

¹⁸ Dollar, Charles M. *The impact of information technologies on archival principles and practices: some considerations*. Washington (DC), National Archives and Records Administration, 1990. passim.